

Reforma levará o campo ao colapso

SÉRGIO CARDOSO DE ALMEIDA

Espero que o plenário da Constituinte venha corrigir as decisões sobre a reforma agrária, tomadas pela Comissão de Sistematização, que evidenciaram uma rancorosa e anacrônica perseguição à livre empresa no campo.

Acredito que no meio dos constituintes dessa comissão existam interessados diretos no colapso econômico do País, para mudança forçada para o socialismo; mas muitos acalentam o bñcolismo da divisão de terras, como solução para distribuição de riquezas, alimentado por alguns representantes da Igreja, ignorantes da agricultura moderna, da qual depende a sobrevivência do povo.

☞ Parecem estar vivendo a Revolução Francesa, na época dos Estados Gerais, da Assembléia Constituinte, da Legislativa ou da Convenção, em que se fez uma "reforma agrária" contra os nobres e a Igreja, que possuía 1/6 das terras francesas.

☞ Anularam os 70% de gravames que incidiam sobre o camponês e liberaram-nos de pesadas obrigações. O camponês era obrigado a pagar a taxa, a capitação, a vintena, a gabela e obedecer os direitos feudais, como o censo pago em moeda, e a sujeitar-se às "banalidades", como pagar o uso do moinho, do forno, do lagar, além de servir graciosamente pela obrigação da corvéia, ou seja, inúmeros dias de serviços duros para o senhor.

☞ A revolução liquidou tudo isso e, ainda, se preocupou em indenizar a Igreja, emitindo 400 milhões de assignats, papel-moeda, para os camponeses comprarem seus pedaços de terra, e assim se formou o regime de pequena propriedade, tendo o camponês permanecido no lugar em que trabalhava.

Nesse tempo eu teria sido um adepto fervoroso da reforma agrária, mas o tempo passou e a agricultura se modernizou, vindo basear-se na meca-

nização que livrou o homem dos mais pesados serviços no campo.

Até o início do século XX só se plantava em terras férteis, quase não se precisava de adubo e o serviço era, em geral, braçal, sendo a população diminuta e a sua maioria no campo.

De lá pra cá, a população aumentou geometricamente, a agricultura modernizou-se, a área de terra boa, de fertilidade natural, tornou-se insuficiente e adentrou-se com a máquina e a técnica agrícola nos grandes espaços vitais sem fertilidade, como Israel no deserto, os brasileiros nos campos e cerrados, os australianos nos seus semi desertos, entre outros.

Um agricultor norte-americano sustentava cem pessoas na cidade, a França, berço da pequena propriedade, têm somente 1 milhão e 300 mil pessoas no campo, numa população superior a 50 milhões e nunca produziu tanto.

Quanto mais se produz em volume e produtividade, menos gente é necessária no campo, e isso, exemplificando, é comprovado na União Soviética, Hungria, Romênia e Bulgária, na área socialista, e nos Estados Unidos, França, Itália, Austrália, Canadá, Nova Zelândia e Argentina.

Onde existem populações concentradas no campo, vemos fome e miséria, como na Etiópia, Moçambique e outros países africanos, nostando-se que a Africa, nesses últimos 20 anos está produzindo a metade do que já produziu, e, justamente, o Continente onde se fez mais reformas agrárias distributivas.

Reafirmo que na França revolucionária teria sido um reformista agrário, mas hoje, sou contrário a qualquer reforma agrária que venha coibir a livre empresa total no campo, indispensável para alimentar e vestir a população que cresce dia-a-dia.

Será que nossos constituintes imaginam estar legislando, ainda em 1789, contra as injustiças provocadas pelos nobres e pela igreja?

Sérgio Cardoso de Almeida, ex-deputado, é empresário rural.